



POR BIANCA CUTAIT

Nos últimos anos, a tecnologia alterou irregularmente as produções artísticas. O design gráfico se fundiu ao desenho à mão livre, e até mesmo tintas naturais foram sendo, aos poucos, substituídas por materiais parecidos, mas muitas vezes sintéticos, que, conseqüentemente, traziam mais durabilidade e adaptação. Com a tinta nanquim, originária da China, não foi diferente. Sua tonalidade opaca e sua secagem rápida fazem com que o artista que trabalha com ela saiba manusear com rapidez e agilidade aquilo que está sendo gravado. A delicadeza que o nanquim traz para as artes plásticas chega a ser, em muitos momentos, sutil, mas convincente. Antigos documentos chineses mostram o uso do nanquim, datando cerca de 2.000 a.C., utilizando a tinta para

manuscritos e documentos, até alguns desenhos caligráficos. Ao se adicionar quantidades de água, o nanquim se dilui e alcança diferentes tonalidades que variam do preto puro ao cinza quase imperceptível.

O artista Marco Ribeiro, nascido na Bahia e criado cearense, sob influência do avô tipógrafo, utiliza em suas obras toda a opacidade e a firme sutileza do nanquim. Publicitário de formação e carreira, Marco faz de um simples traçado com nanquim e água traços delicados sobre superfícies desconexas, mas fortemente marcados por grafismos extensos. Suportes como pedras e objetos rústicos, que comumente não são marcados por tintas, em suas mãos passam a ter traços salientes e ao mesmo tempo em que naturais, como paisagens tipografadas. Tais suportes fazem as vezes de matriz em

relevos, incitando composições gráficas que utilizam o design técnico como forma de estilografia.

Quando coloca suas linhas e seus traços em papel, suporte sinuante, mais abrangente e compreendido, recria desenhos perfeitamente imaginários, mas que calcam intensa beleza estética. Preto no branco, preto na pedra, preto na mata. Dourado. Vincos no papel fazem a vez de traços, firmando o conceito de delicadeza mais uma vez. A desconstrução da natureza ao seu redor é coberta pela negritude da tinta, e o nanquim, opaco, acaba novamente trazendo uma perspectiva geométrica e corporal para o grafismo escolhido naquele momento. Marco tem em sua obra a significância da tipografia gótica, negra, obscura. E, ao mesmo tempo, a experiência com publicidade traz harmonia visual até chegar na publicação final, e a legibilidade de suas obras passam a ter tonalidades distintas.

O trabalho de Marco Ribeiro remete à atividade precisa de um computador, mas com a caligrafia de uma escrita treinada. A busca pela precisão manual hoje é quase obsoleta, e a tecnologia consegue suprir muitas dessas demandas. Mas Marco, delicadamente, como o nanquim que utiliza, quebra esse paradigma, usando tons de luz no preto absoluto, até muitas vezes chegar ao tom amarelado de tecido, utilizado com o nanquim quase dourado de alguns de seus desenhos. Com sua técnica e sua precisão, pode-se notar a continuidade que o artista deve ter ao envolver suas influências familiares a seu presente capaz e ágil.

“Marco tem em sua obra a significância da tipografia gótica ao mesmo tempo que a experiência com publicidade traz harmonia visual.”



Bianca Cutait é curadora, crítica e consultora de arte e sócia do escritório de arte Arte Fundamental, em Miami.